

Weekend
negócios

NEIL D. LAWRENCE

**A ideia de uma
superinteligência
é uma distração**

W

SEXTA
21.03.25



W Weekend negócios

21.03.25

“

No poema de Goethe ‘O Aprendiz de Feiticeiro’, um jovem feiticeiro aprende um dos feitiços do mestre. Utiliza-o para animar uma vassoura que o ajuda nas suas tarefas de transportar água. Infelizmente, não consegue controlar o feitiço...

O poema faz lembrar o que está a acontecer com a sociedade moderna. Tal como o aprendiz de feiticeiro, temos empresas de tecnologia a implantarem sistemas de software que não podem ser controlados pelos seus criadores”, salienta **NEIL D.**

LAWRENCE, no livro “Humano, Demasiado Humano - O que nos torna únicos na Era da Inteligência Artificial?” Professor de DeepMind na Universidade de Cambridge e investigador no Alan Turing Institute, Lawrence foi diretor de Machine Learning na Amazon e é coapresentador do podcast Talking Machines. Assume que está cada vez mais polémico: “Sou cada vez mais vocal. Não sei se isso é útil, mas tornou-se urgente. Basta olhar para os Estados Unidos: as democracias estão a cair.” Crítico da “oligarquia digital” e do poder concentrado nas “big techs”, Lawrence alerta que nem os próprios “oligarcas” dominam os sistemas que criaram – e que o feitiço pode, de facto, virar-se contra os feiticeiros dos nossos dias. Para ele, as tecnologias digitais estão a minar a sociedade, e a IA é apenas uma peça dessa engrenagem. “Através das redes sociais, a máquina já nos manipulou, mas isso não a torna mais inteligente.”

Em 2025, assinalam-se os 80 anos sobre o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), e o escritor Manuel S. Fonseca revisita o **PACTO NAZI-SOVIÉTICO**: Hitler e Estaline assinaram um Pacto de Não-Agressão, em 23 de agosto de 1939. Oito dias depois, Hitler invadiu a Polónia. “Se o pacto era um acordo de paz, como foi possível que tenha sido, como o foi, o tiro de partido para a guerra?”, questiona o autor. Por baixo da mesa, o Führer e o líder soviético acordaram dividir o território polaco. Hoje, estes acontecimentos merecem ser lembrados. Desde logo porque “o Pacto entre comunistas e nazis” foi “a passadeira vermelha” para começar a II Guerra Mundial, que foi “a mais mortífera das guerras, porventura a mais cruel e bárbara”, aponta o autor.

O **MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA ARMANDO MARTINS (MACAM)** abre este sábado ao público na Rua da Junqueira, no Palácio Condes da Ribeira Grande, no dia de aniversário do seu fundador, Armando Martins. O espaço tem dois mil metros quadrados de área expositiva e inclui um terço das mais de 600 obras da sua coleção. Foi com 18 anos que o promotor imobiliário começou por comprar serigrafias, como nos recorda a jornalista Filipa Lino. A sua ligação à arte foi crescendo até que, em 2007, comprou o Palácio dos Condes da Ribeira Grande, um edifício histórico do século XVIII, com o sonho de abrir um museu para mostrar a sua coleção. Ei-la. Boas leituras e um bom fim de semana.



LÚCIA CRESPO
Editora



CV: Paragrafino Pescada tem o mérito inquestionável de ser sobrinho de Virgolino Faneca, que ao longo de quatro anos escreveu neste suplemento. É licenciado em Estudos Artísticos pela Universidade de Salónica com uma pós-graduação em Ciências da Vida, obtida no Café da Geninha. O seu ídolo é o tio, embora admire a capacidade pantomineira de Donald Trump. Nunca se engana e raramente tem dúvidas. Quando as tem, pergunta ao Nuno Rogeiro ou à Siri do iPhone. Gosta de jogar Cluedo e percebe à brava de semiótica, embora ninguém lhe tenha ensinado. É solteiro e do signo Caranguejo (se é que esta informação interessa a alguém).

Pimpinha, Lili e Manuel. Tudo o que não precisa de saber

O meu coração sangra com Pimpinha Jardim que, além da dolorosa separação com Francisco Spínola, enfrenta também constrangimentos na TVI. Que constrangimentos, perguntam os diletos? Bem, trata-se de constrangimentos tão difíceis de explicar quanto a empresa Spinumviva o é para o primeiro-ministro.

Montenegro tem andado numa roda viva para explicar a Spinumviva (ficou tão tonto que chumbou no teste da confiança parlamentar) e o que se passa com Pimpinha é que está constrangida nas explicações que pode dar na pantalha relativas ao facto da amiga Carolina Patrocínio ter sido alvo de uma burla praticada por Manuel Santana Lopes, também ele amigo de infância da rapariga supracitada. Portanto, Pimpinha está num limbo que as autoridades nestas matérias catalogam como constrangimentos. Para saber mais sobre a burla mencionada, é favor consultar as publicações da especialidade, porque eu não estou aqui para tirar quota de mercado a ninguém.

No fundo, que não é muito profundo e que ainda assim aconselha ao uso de braçadeiras para evitar afogamentos, preocupo-me com as pessoas. É por isso que me comovo com a tristeza de Pimpinha, me alegro pelo português que conquistou o coração de Lenka ou sigo com inquietação os acontecimentos que envolvem Dudu, o herdeiro-surpresa de Marco Paulo.

E vocês, se pensam que os assuntos cor de rosa são menores, estão redondamente (ou qualquer outra forma geométrica) enganados. Basta, para tal, verificar a interação que existiu entre a tia Lili Caneças e o sobrinho Pedro Nuno Santos, líder do PS. A tia Lili disse que o sobrinho “parece que está a sempre a ralhar com toda a gente” e o sobrinho Pedro achou que valia a pena responder-lhe: “Boa tarde, Lili. Eu não dou ralhete, mas quando os problemas são sérios não reajo com sorrisos, de facto. Se a Lili me conhecesse, iria constatar que sou bem-disposto, simpático e bom rapaz”. E a tia desfez-se: “Pelo menos demonstra ‘fair play’ e respondeu à minha opinião”.

Por isso, se Montenegro quer combater Pedro Nuno e conquistar o coração (e os votos) do jet set, não basta jo-

gar golfe com o dono da Solverde. Precisa de mostrar compaixão para com a Pimpinha ou ir a um qualquer programa de televisão partilhar a sua receita de arroz com atum.

A este propósito, sei de fonte segura que André Ventura está a negociar uma interação com Zulmira Garrido, outrora Zulmira Ferreira, para que esta profira uma declaração, tipo mãe ríspida, no programa Passadeira Vermelha, do género, o André tem de fazer aquela barba de três dias, parece um desmazelado, para que o líder do Chega possa dizer qualquer coisa do género, obrigado pelo conselho tia Zulmira, mas infelizmente este país precisa tanto de mim que não disponho de tempo para a higiene pessoal. Quando puser o país na ordem, vou seguir a sua recomendação, mais uma vez muito obrigado e viva o Benfica. Um xi para si.

Na verdade, agora que o Governo está em gestão, já não existem motivos para malhar nos ministros, assim de repente ficou tudo calmo nos hospitais, a justiça está um brinquinho e a privatização da TAP mantém o calendário do costume, isto é, no dia de são nunca à tarde. E lá por fora é mais do mesmo. Donald Trump continua a mostrar que os fascistas adoram democracia, porque esta lhes permite todos os desmandos, e Vladimir Putin está pensar erigir-lhe uma estátua junto à da Mãe Rússia, em Estalinegrado, e não me digam que a cidade já não se chama assim, porque os amigos são para todas as ocasiões.

O que gostava mesmo é que Trump e Putin contratassem Manuel Santana Lopes para lhes fazer a gestão das respetivas carreiras. Na verdade, iria fazer-se jus ao ditado “ladrão que rouba a ladrão tem 100 anos de perdão” e a malta ainda ficaria orgulhosa por ser um português a deixar de tanga dois dos mais poderosos cidadãos do mundo e depois desaparecer para Bikini Bottom para conviver com o SpongeBob SquarePants.

Claro que esta hipótese não faz qualquer sentido mas, ainda assim, só o ato de a imaginar causa um estranho confronto.

Bom fim de semana e proteja-se deste mau tempo que não é apenas climático. **w**

Santa Joana com assinatura

O restaurante Santa Joana, em Lisboa recuperou nos seus menus a assinatura do chef Nuno Mendes. No hotel Locke Santa Joana, o cozinheiro explica que a carta se inspira na Lisboa do passado e nas suas memórias, “combinada com a cidade de hoje e o seu carácter boémio e multicultural”. Nuno Mendes acrescenta ainda “uma homenagem à história mercantil” que justifica pelas suas viagens e a observação da “presença da cozinha portuguesa por este mundo fora”.

O cozinheiro, nascido e criado na capital, mora em Londres, onde tem o seu restaurante Lisboa, e assina as cartas do The Rose, em Deal, na zona de Kent e, mais recentemente, na Cozinha das Flores do hotel The Largo, no Porto. O percurso do cozinheiro inclui os antigos espaços Viajante e Mãos, em Londres, com os quais ganhou estrelas Michelin, a passagem em vários restaurantes em cidades como São Francisco e Nova Iorque, e ainda mais de uma década de viagens por todo o mundo.

Em Lisboa, onde é “Diretor Culinário do Locke Santa Joana” e responsável pelos menus do restaurante com o mesmo nome, escolhe quatro pratos como representativos do espaço: “Corações de frango em molho pica-pau, tiborna de cebola com queijo São Jorge, presa de porco alentejano com estufado de nozes e nabada e mousse de chocolate quente com gelado, leite e chantilly”. Não é a primeira vez que Nuno assegura que “o luxo de cozinhar em Portugal é poder utilizar magníficos produtos, especialmente peixes e mariscos da costa”, aos quais não tem acesso em Londres. Nuno acrescenta o prazer de saber que, na maioria dos casos, está a trabalhar “com um produto inédito de pequenos e responsáveis produtores e fornecedores que estão apenas a 200 ou 300 km de distância”. Ou seja, “uma diferença enorme em como este produto chega ao prato”.

Nuno Mendes regressou a Lisboa depois de há dois anos ter estado no Bairro

NUNO MENDES, NASCIDO E CRIADO NA CAPITAL, MORA EM LONDRES, ONDE TEM O SEU RESTAURANTE LISBOETA, E ASSINA AS CARTAS DO THE ROSE, EM DEAL, ZONA DE KENT E, MAIS RECENTEMENTE, NA COZINHA DAS FLORES DO HOTEL THE LARGO, NO PORTO.

Alto Hotel como chef consultor e olha o panorama da gastronomia com otimismo. Diz que “cada vez mais se vê os cozinheiros a olharem para a tradição e o receituário nacional como inspiração no seu trabalho”, o que lhes dá um vocabulário português, e esse, garante, “está a ganhar reconhecimento e interesse na restauração mundial”. Insiste na exploração da cozinha nacional, uma vez que “as técnicas antigas se estão a perder pouco a pouco”.

O cozinheiro sublinha que é necessário “continuar a dar valor aos fornecedores e produtores porque, se não os ajudarmos, o elo principal de suporte para promover a cozinha portuguesa cai e será muito difícil recuperá-lo”. Como nem tudo são rosas, Nuno Mendes considera que ainda “há falta de tempo e dinheiro para as empresas investirem no treino dos seus funcionários que são vitais pois só assim se criam boas equipas”. Outra questão são as promoções que “acontecem muito rápido e muitas pessoas em cargos de liderança não têm a experiência nem o conhecimento suficiente para liderar uma equipa e um projeto”.

No futuro, Nuno Mendes gostaria de ver Lisboa “mais local, sem perder a sua identidade, com menos projetos, mas esses com melhor qualidade”. Espera “uma cidade aberta, criativa e aliciante para os jovens ficarem e se empenharem e a melhorarem”. **w**



NEIL D. LAWRENCE

Os oligarcas digitais estão demasiado desligados da sociedade

As grandes empresas de tecnologia são como o Aprendiz de Feiticeiro: não criaram o feitiço, mas aprenderam-no e estão a aplicá-lo, afetando as democracias. Nesta “oligarquia digital”, o poder é controlado pelas “big tech”, mas nem os oligarcas dominam os seus próprios sistemas, e o feitiço pode mesmo virar-se contra os feiticeiros dos nossos dias. As consequências podem ser “devastadoras”, considera Neil D. Lawrence, professor de DeepMind na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, onde lidera a área de IA, e investigador sénior de IA no Alan Turing Institute. Foi diretor de Machine Learning na Amazon e é autor do livro “Humano, Demasiado Humano - O que nos torna únicos na Era da Inteligência Artificial?”, editado em Portugal pela Gradiva. Neil D. Lawrence esteve em Lisboa numa conferência da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS).



LÚCIA CRESPO

MARILINE ALVES





Costuma usar o ChatGPT ou outro sistema de IA como ferramenta de trabalho?

Depende dos contextos. A grande vantagem destes sistemas é que podemos escolher o que queremos que façam por nós. Algumas tarefas são facilmente executadas por uma máquina, enquanto outras exigem uma abordagem humana. No mundo empresarial atual, os processos estão altamente integrados, combinando automação e intervenção humana a tal ponto que, muitas vezes, não conseguimos distingui-los. No entanto, a forma como os sistemas são implementados e utilizados pode, por vezes, ser desastrosa. Um exemplo disso é o uso da IA em algo tão simples como um email. Quando eu trabalhava na Amazon, sempre que enviava uma mensagem ao meu superior hierárquico, tentava ser o mais conciso possível e escolhia as palavras mais adequadas. Sabia que ele não queria ser incomodado com trivialidades. As palavras que usamos devem refletir o conhecimento e as expectativas do outro. Nenhum modelo de linguagem consegue fazer isso com precisão, uma vez que não conhece suficientemente bem as pessoas. Nenhum sistema pode substituir a relação entre duas pessoas.

Mas, de alguma forma, a IA pode alterar as relações humanas?

Pode influenciar, sim, ainda que, na minha opinião, o ChatGPT seja mais fraco do

que a maior parte dos outros modelos. Pessoalmente, prefiro o Claude. Passei bastante tempo a testar diferentes sistemas. O meu livro foi escrito sem recorrer a modelos de IA, mas criei um website (The Atomic Human), onde vou fazendo experiências. O que o Claude escreveu sobre o livro é muito engraçado! Pedi-lhe que escrevesse ao estilo do The Onion, uma publicação satírica, e consegui copiar a criatividade. Foi mesmo cómico.

Pode deixar de ser engraçado para ser perigoso?

Não sabemos quais serão as implicações exatas, mas receio que a tecnologia possa ser perigosa, independentemente da questão da criatividade. Esqueçamos a inteligência artificial por um momento e pensemos nas tecnologias que já controlam a informação. Sabemos que a internet facilitou bastante o acesso à informação, e isso é bastante positivo, mas antigamente os dados estavam guardados em arquivos físicos, e conseguíamos sempre compreender o processo por trás de certas decisões. Agora, está tudo armazenado em códigos e, por vezes, nem mesmo as pessoas que escreveram esses códigos sabem como as escolhas são feitas. Jonathan Zittrain, professor de Direito em Harvard, referiu-se a esse fenómeno, em que as empresas perdem a compreensão dos seus próprios sistemas, como dívida intelec-

tual. É aí que reside o perigo. Se o SAP “crasha”, a empresa quase paralisa, ninguém consegue restaurá-lo e todo o negócio tem de ser adaptado. Há por isso uma dependência extrema da máquina. No fundo, é como se estivessemos a devolver a autoridade à máquina, que é rígida e inflexível. É algo que já está a acontecer, e esse é o risco da tomada de decisão automatizada.

Portanto, não é a inteligência artificial em si mesma que o inquieta...

Não tem nada que ver com IA. Através das redes sociais, a máquina já nos manipulou, mas não acho que isso a torne mais inteligente.

No livro, refere que a mais recente vaga de títulos sobre a ameaça existencial da IA foi suscitada por Geoff Hinton, cientista computacional que abandonou a Google por causa de receios associados à IA. Hinton disse ter percebido que a inteligência das máquinas se tornaria superior à humana. Qual é a sua opinião?

Não pretendo refutar totalmente as preocupações do Geoff, mas gostaria de realçar que a ameaça social não surgiu com o aparecimento de sistemas de inteligência artificial em si mesmo. Numa palestra em Cambridge, o Geoff manifestou-se preocupado com uma “inteligência de pon-

continua

A ideia de singularidade tecnológica é um absurdo total, pois não reflete a diversidade de inteligências.



continuação

ta” que um dia nos iria manipular. Na minha opinião, definições deste tipo são problemáticas. Alguns conceitos são difíceis de definir, e a inteligência é um deles. Penso que o cerne da questão não está numa eventual superinteligência. Como disse, através das redes sociais, a máquina já nos manipulou, não por ser mais inteligente, como Geoff imaginou, mas por ter acesso a grandes quantidades de dados. E, através desse volume de informação, tornou-se ciente das nossas vulnerabilidades.

É por isso que prefere falar em informação?

Sim, porque é o que realmente importa: como a informação é aplicada aos negócios e como isso afeta as empresas. Recordo Stafford Beer, pioneiro da cibernética aplicada à gestão. Foi uma personalidade muito importante nos anos 1970, e grande parte dos seus conselhos para as empresas baseavam-se naquilo a que chamou “modelo de sistema viável” (VSM), que aplicava os princípios da cibernética à gestão empresarial, descrevendo como uma organização deve auto-organizar-se, adaptar-se e sobreviver em ambientes complexos. Uma empresa bem-sucedida e sustentável é como um sistema vivo, não como uma máquina rígida; é um sistema que dá maior autonomia e controlo às pessoas e onde tudo está interligado. A inteligência não está limitada a uma única entidade, mas sim associada a um ecossistema alargado de tomada de decisão.

Está, de alguma forma, a dizer que o debate não é novo? No livro, refere até que a ideia de uma superinteligência (título do livro de Nick Bostrom) remonta aos anos 1960 e ao cientista Jack Good, que usou o termo “ultrainteligência”.

Jack Good era um homem muito interessante. Ele conduzia um Energy Midget, com a matrícula 007...! Teve uma grande influência no mundo da estatística. Estudou Matemática na Universidade de Cambridge, e, em 1941, começou a trabalhar com Alan Turing. Mas, cem anos antes de Jack Good sugerir a ideia de uma máquina “ultrainteligente”, o escritor britânico Samuel Butler imaginou um futuro de máquinas sencientes. Butler é uma referência importante, sobretudo pelo seu trabalho filosófico e literário, como em “Erewhon”. Há ideias muito interessantes... Mas, neste mundo, sempre existiram egos, e está tudo bem, o mundo precisa de pessoas assim. Mas também precisa de um bocadinho de ceticismo em relação ao que se passa à nossa volta.

Andamos todos doidos à volta da IA?

“

Antes, eu era menos polémico. Agora estou mais vocal. Não sei se isso é útil, mas tornou-se urgente. Basta olhar para os Estados Unidos: as democracias estão a cair.

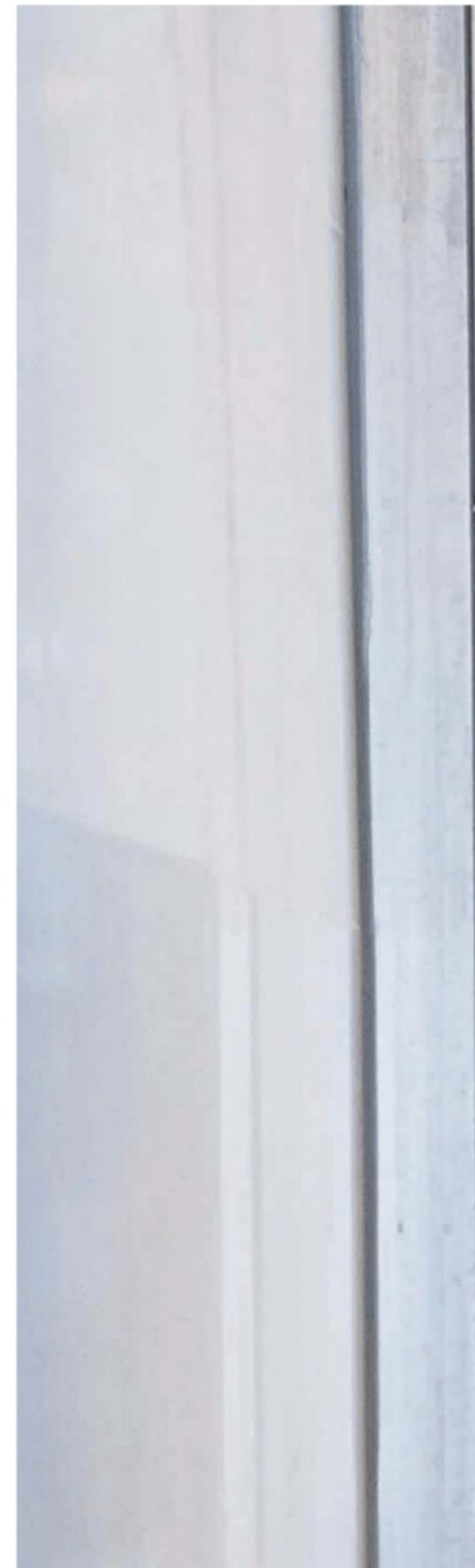
Todas as investigações mais aprofundadas mostram que o debate é limitado; o assunto é mais complexo do que as atuais discussões. Na verdade, os problemas que enfrentamos hoje já estavam presentes antes do “bicho-papão” da IA. Já assistíamos a uma acumulação enorme de poder por parte das “big techs”, que processam uma quantidade gigantesca de informação. Isso não é algo novo, falamos de tecnologia digital, em que a inteligência artificial é apenas uma fase. O termo IA mexe muito connosco, porque temos uma perspetiva narcisista da inteligência – pensamos que é tudo sobre nós –, mas o problema está na oligarquia digital. Está naquilo a que me refiro como Sistema Zero, em que a máquina consegue antecipar os nossos comportamentos a partir de grandes quantidades de informação e dados pessoais. O problema está, então, nesse ecossistema que permite que as gigantes tecnológicas existam de forma não regulamentada, agindo como monopólios e prejudicando a inovação e o próprio desenvolvimento tecnológico.

É duro nas palavras e diz que a ameaça que enfrentamos é uma forma de totalitarismo da informação que perturba o nosso ecossistema social...

É isso. A questão agora é como podemos implementar estas novas tecnologias de forma a melhorar o mundo, e não a piorá-lo. As grandes empresas de tecnologia que prosperaram devido ao mundo da informação estão agora a colocar em perigo todo este ecossistema. Geoff Hinton antecipa o pior dos cenários, mas, ao fazer isso, distrai-nos das verdadeiras ameaças. Outro ponto importante prende-se com a legislação sobre mercados digitais para garantir mercados equitativos e abertos, e que deverá ser revista este ano – como anunciou Henna Virkkunen, vice-presidente da Comissão Europeia com a pasta da Soberania Digital –, para limitar eventuais práticas abusivas das maiores empresas da internet. Há também o The Digital Markets, Competition and Consumers Act, do Reino Unido, que visa equilibrar o poder e a assimetria nos mercados digitais.

A plataforma chinesa DeepSeek abanou o poder dos “oligarcas” digitais?

De alguma forma, sim. Recordo que, nos anos 1990, a Intel desenvolveu o Itanium, um microprocessador de 64 bits que prometia ser uma revolução. Ao mesmo tempo que fazia esta promessa, investia vários milhões, conseguindo eliminar os seus concorrentes, que achavam que não conseguiriam competir. Mas depois o Itanium foi um desastre... Este é um cenário que se repete. Aconteceu o mesmo



com a Microsoft e com a sua primeira versão do Windows. Chamamos a isto “vaporware” (tipicamente, um software ou hardware é anunciado muito antes do seu lançamento e pode nunca entrar em processo de produção ou então é lançado vários anos depois, sem constituir uma verdadeira disrupção). Portanto, as empresas anunciam que estão a investir balúrdios num produto e, assim, os concorrentes mais pequenos, e sem os mesmos recursos, afastam-se. Este comportamento afeta toda a cadeia de investimento. Há, portanto, este “vaporware gambit”, uma estratégia que mexe com as expectativas do mercado.

A possibilidade de uma inteligência artificial geral (AGI) é real? Ou a promessa do CEO da OpenAI, Sam Altman, é “vaporware”?



Através das redes sociais, a máquina já nos manipulou, mas não acho que isso a torne mais inteligente.

Não deixa de ser “vaporware”, até porque a noção de uma inteligência artificial geral é uma ideia ridícula. A tecnologia é transformadora, mas não substitui os seres humanos. Essa noção de AGI resulta de uma compreensão limitada do que é a inteligência, que depende sempre do contexto. A natureza do processo de tomada de decisão da máquina é muito diferente da do ser humano. E é por isso que a máquina nunca poderá substituir inteiramente o homem. Pode transformá-lo, pode facultar ao ser humano o acesso a quantidades extraordinárias de capacidade, mas não pode substituí-lo. Ora, o que está a acontecer com o anúncio de Sam Altman é semelhante à jogada do Itanium, ao prometer lançar a AGI, dizendo que envolve milhões – Trump anunciou uma cooperação que vai investir até 500 mil milhões – e que, assim, mais ninguém poderá competir. Ora,

a DeepSeek veio mostrar-nos que isso não é verdade. Não são necessários 500 mil milhões de dólares para construir novas tecnologias. Esse anúncio é uma tentativa de construir um motor financeiro e eliminar a concorrência.

A autorregulação das tecnológicas tem vindo a falhar? Em 2019, Mark Zuckerberg escreveu um artigo no Washington Post em que pedia a regulamentação das redes sociais. Após a eleição de Trump, alterou as políticas “fact-checking” para “proteger a liberdade de expressão”. Entretanto, o Golfo da América já chegou ao Google Maps...

Isto é de doidos. Assim funciona o mundo da oligarquia digital. Estes oligarcas estão demasiado desligados da sociedade. Já tínhamos assistido a esse fenómeno quando os sistemas do Facebook fo-

ram manipulados para espalhar desinformação nas eleições dos EUA em 2016. O próprio Facebook exigiu uma investigação para entender até que ponto os seus sistemas tinham sido manipulados por uma instalação de “trolls” russa. O problema é mais complexo do que a autorregulação; falo da erosão do dever público e da ideia de missão pública na sociedade. E as sondagens de opinião sobre IA são muito claras em relação ao que as pessoas realmente esperam da tecnologia: melhor educação, melhores cuidados de saúde e de assistência social. Ora, estas empresas não fornecem nada disso, apesar do investimento de milhares de milhões.... É natural que os seres humanos se sintam fascinados pelo poder, pela riqueza e sucesso, mas, neste momento, acho que respeitaríamos bem mais um bom enfermeiro ou um bom professor...

continuação

Vivemos uma crise de confiança?

Sim, e o meu livro tenta despertar-nos para isso mesmo. É recorrente ouvirmos os “Silicon Valley bros” dizerem: “Podemos definir a AGI como um agente economicamente racional...”. É claro que a economia é importante. E sabemos que o PIB é um quebra-cabeças essencial. Mas o que as pessoas realmente valorizam são pilares como a família, os relacionamentos, os filhos, os amigos, aquilo que vão deixar para as próximas gerações, a reputação pessoal..., e nada disso é economicamente quantificável. Acho que muita gente se sente desconfortável com tudo o que se está a passar. Nos media, predominam os entusiastas da IA e os seus críticos mais ferrenhos, e ambos são ridículos. Se falarmos com as pessoas na rua, percebemos que têm visões bem pragmáticas. Noutro dia, estava a conversar com um segurança que me disse: vamos todos perder os nossos empregos. Bom, será que o Messi vai perder o emprego?, perguntei. “Esse tipo não”. Mas há muitos empregos intrinsecamente humanos. O problema é que a tecnologia tem benefícios potenciais, mas também danos potenciais; o problema é que as decisões sobre o uso da tecnologia estão a ser tomadas pelas pessoas que têm destruído a sociedade...

Como Elon Musk?

Não precisamos de personalizar, porque é algo sistémico. As empresas de tecnologia são como o Aprendiz de Feiticeiro: não criaram o feitiço, mas aprenderam-no e estão a aplicá-lo, afetando instituições democráticas e sólidas. O mais preocupante é que essas ferramentas não estão a ser usadas para resolver problemas sociais realmente importantes. E essa é a maior tragédia.

Deixou o cargo de professor de aprendizagem automática em Sheffield e esteve três anos a construir soluções de IA para a Amazon. Passou para o lado dos “maus”?

Sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, regressaria ao mundo académico, mas há muito a aprender no mundo prático. A Amazon é uma empresa fascinante e está, de facto, envolvida nos problemas do mundo real. Quando clicamos na página da Amazon, alguém tem de se deslocar a um armazém, levantar um produto e garantir que chega ao consumidor. Trabalhei na linha de frente da cadeia de abastecimento e percebi o que funciona e o que não funciona. A Amazon é melhor do que muitas outras organizações, mas claro que tem problemas. O im-

portante é incentivar as empresas a apoiarem a sociedade, e não o oposto, como está a acontecer agora. Mas também não quero pensar nestas entidades como inimigos porque, como disse, o problema é sistémico. Numa entrevista, mencionaram que Yuval Noah Harari comparou a IA a uma arma de destruição maciça... Mas, por exemplo, o escândalo Horizon no Reino Unido não envolveu inteligência artificial. Os problemas não surgem necessariamente da IA...

O cientista Ray Kurzweil popularizou a noção de singularidade tecnológica, com o livro “The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology”. No fundo, trata-se da ideia de que, um dia, as máquinas serão suficientemente inteligentes para se desenharem a si mesmas. Estamos longe desse momento?

Acho a ideia um absurdo total, pois não reflete a diversidade de inteligência. Existem diferentes tipos de inteligência, com naturezas distintas. A noção da singularidade baseia-se numa visão eugénista de inteligência – a suposição de que os humanos podem ser melhorados através da reprodução seletiva da própria espécie, como se a inteligência fosse algo linear, comparável à altura, e que, da mesma forma que se podem criar pessoas mais altas, também se poderiam “criar” pessoas mais inteligentes. É um disparate. A ideia de superinteligência é uma distração. Antes, eu tentava ser menos polémico e mais inclusivo. Agora estou mais vocal. Não sei se devia, não tenho certeza que seja útil. Mas está a tornar-se urgente. Basta olhar para os EUA. As democracias estão a cair. As tecnologias digitais estão a minar a sociedade – e a IA é apenas uma peça na engrenagem. As decisões que tomarmos agora sobre a sua implementação podem definir se será uma força para o bem ou para o mal.

Mantém uma réstia de otimismo?

Tento ser realista, ou até otimista. É quase como a Aposta de Pascal, que formulou um argumento pragmático para explicar a crença em Deus: o custo de acreditar não é alto, mas o custo de não acreditar é enorme. Posso aplicar este raciocínio ao otimismo. Porque, se não formos otimistas, estamos condenados. Por isso, não podemos perder tempo com ideias simplistas. Precisamos de compreender a raiz profunda do problema. Caso contrário, nunca o erradicaremos. O mais importante é que todos trabalhem com um objetivo comum: pressionar contra a oligarquia digital.

Falámos da criatividade. São muitos os analistas que dizem que os novos modelos de IA entraram num território que pensávamos que era só nosso.

Pessoas sem imaginação e egocêntricas acreditaram que era um território exclusivamente nosso. Estavam muito focadas na forma como veem a sua própria inteligência...

Pedro Domingos, professor de ciências da computação na Universidade de Washington, costuma dizer que a inteligência artificial é uma espécie de vingança da classe trabalhadora...

Conheço bem o Pedro Domingos, sei que gosta de provocar (risos). Mas, na verdade, temos muitas posições em comum. Nesse ponto, por exemplo, concordamos. As pessoas que hoje se sentem ameaçadas acreditavam que eram especiais. Mas a chamada classe trabalhadora já passou por tudo isto antes. Essas pessoas viram o seu trabalho manual ser substituído e foram tratadas como descartáveis. Na altura, os líderes sindicais foram considerados ultrapassados. Os que agora se sentem ameaçados são precisamente aqueles que achavam que tinham um estatuto social superior só porque sabiam traduzir inglês para juridiquês... E talvez seja por isso que vemos este nervosismo existencial por parte de pessoas que, ironicamente, até teriam a capacidade de ajudar a tomar melhores decisões para a sociedade – mas não o fazem.

Tem vindo a trabalhar em propostas para responsabilizar os detentores de empresas de tecnologia e está envolvido em plataformas como a Data Trusts Initiative, que procura novos modelos de equilíbrio entre a privacidade individual e os benefícios da partilha de dados. Como alcançar esse equilíbrio?

Trabalho nessas questões há 12 anos e ainda não encontramos verdadeiras soluções. E isso reflete algo que me preocupa bastante: parece que já não conseguimos organizar-nos coletivamente. Minámos de tal forma o tecido comunitário que ficámos presos num debate entre regulamentação e autorregulação...

Temos de ser mais inteligentes?

Sem dúvida. Preocupa-me a razão pela qual não estamos a ser inteligentes. Se temos as ferramentas e as capacidades, porque não as estamos realmente a usar? O problema está no “desempoderamento” gerado pela tecnologia digital. No Reino Unido, está agora em discus-



Não estamos a ser inteligentes na forma como debatemos a inteligência artificial.



são uma proposta de alteração à legislação de direitos autorais que tem gerado controvérsia, sobretudo no que toca ao uso de obras protegidas para treinar sistemas de IA. A comunidade artística tem-se mobilizado em campanhas lideradas por figuras como Elton John e Simon Cowell – que, embora influentes, têm muito menos poder do que as empresas de IA. Concordo com as preocupações dos artistas, mas onde estão as campanhas em defesa dos cuidados de saúde ou do próprio jornalismo? As tecnologias digitais minaram profundamente a instituição do jornalismo, um dos pilares da sociedade. A ideia de que as redes sociais poderiam substituí-lo revelou-se um fracasso.

Quando é que se interessou pelo tema da IA?

Eu não estava muito interessado.

Trabalhava em plataformas de petróleo ao lado de geólogos...

Eu estava intrigado com a forma como os geólogos transformavam as informações das minhas medições em imagens das formações rochosas. Isso despertou o meu interesse pela aprendizagem automática, pois queria entender como o conhecimento dos geólogos poderia ser codificado numa máquina. Percebi que certos problemas não seriam resolvidos com as técnicas tradicio-

nais. Foi então que comecei a ouvir falar sobre redes neurais e vi nessas redes um possível caminho para resolver esses desafios. Comecei a estudar o tema, e é assim que o meu livro começa – “8 de Dezembro de 2013: suíte no último piso do Harrah’s Casino, em Stateline, no Nevada. Foi esse o momento em que passei a ser um investigador de inteligência artificial. Ou, pelo menos, o momento em que a área de investigação em que trabalho começou a chamar-se inteligência artificial”.

Tudo começou nesse hotel com Zuckerberg, no dia em que foi anunciado um laboratório de inteligência artificial.

Alguns especialistas foram convidados para a suíte de Mark Zuckerberg no último piso do hotel. O Facebook estava prestes a entrar a fundo na aprendizagem automática, na chamada aprendizagem profunda, e anunciou a criação de um novo laboratório centrado no avanço da IA. Achei um pouco absurdo. Quer dizer, a ideia de pensar em decisões automatizadas mais inteligentes não é de todo absurda, mas, uma vez mais, é preciso ter cuidado com o que queremos dizer com “inteligente”. Pode ser apenas o egocentrismo de machos projetado em máquinas, algo que me lembra os deuses gregos. Ou a estátua de Hermes. O que me fascina no mundo dos deuses gregos é como

refletem fraquezas humanas... Muitas vezes, distorcemos a nossa perceção sobre o que é e o que pode ser a inteligência artificial. Por isso, por vezes, prefiro usar o termo “inteligência automática” em vez de “inteligência artificial”. Não estamos a ser muito inteligentes na forma como abordamos a inteligência artificial.

Falta-nos imaginação?

Sobretudo na forma como pensamos a IA. O debate é dominado por pessoas que pensam como Zeus. E nós precisamos de mais introspeção. O meu livro tenta estimular essa reflexão e a ideia de melhorar a vida coletiva, em vez de continuar com esta disputa narcisista e egocêntrica. A minha colega Shannon Vallor escreveu o livro “The AI Mirror How to Reclaim Our Humanity in an Age of Machine Thinking”, e eu também abordo esta questão. A nossa cultura pode elevar-nos, levando-nos além dos nossos instintos mais básicos. E já fizemos isso, há 70 anos. Ou há 50 anos em Portugal. Portanto, já nos conseguimos elevar. Sabemos que nada é perfeito; sabemos que a instituição do jornalismo e as noções de justiça nunca foram perfeitas. Mas conseguimos chegar a um lugar melhor. E agora estamos a destruir o que construímos. Essa é a verdadeira ameaça. E é por isso que estou a tornar-me mais polémico. **w**

A máquina nunca poderá substituir inteiramente o homem. Nenhum sistema pode substituir a relação entre duas pessoas.

